

# O xadrez da indexação

Joga-se uma partida de xadrez na economia brasileira. De um lado trabalhadores assustados com a volta da inflação e a perda do poder aquisitivo pressionam as centrais sindicais – especialmente as mais representativas, CUT e Força Sindical – para que tomem medidas preventivas para evitar uma perda maior dos ganhos oriundos dos últimos quatro anos de Plano Real. Na outra cabeceira do tabuleiro estão os empresários que, acuados pela recessão e as pequenas margens de lucros, assistem ao encolhimento de seus negócios frente à falta de aquecimento na indústria e no comércio, atacado e varejo, respectivamente. Entre os dois enxadristas está o governo federal, através do ministro do Trabalho, Francisco Dornelles, que não aceita discutir em bases mais pragmáticas a volta de um gatilho nos salários para reparar as perdas, ou seja, a volta da indexação.

O lance do xeque-mate ainda não foi dado. Mas a sombra do medo provocada a partir das estimativas do todo poderoso Fundo Monetário Internacional (FMI) de um patamar inflacionário no ano – de até 16,8% – já é uma realidade no imaginário das principais lideranças sindicais, empresariais e políticas do país. O presidente da CUT, Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, foi o primeiro a propor concretamente um aumento para todos salários de 10% e um gatilho no momento em que a inflação chegasse a 5%. Logo depois a Força Sindical apresentou a sua posição, que consiste num gatilho quando a inflação bater em 10%.

Fiesp e montadoras não querem a indexação. Trata-se de um momento delicado, porque os empresários – capitaneados pelo presidente da Fiesp, Horácio Lafer Piva, que na semana passada esteve com Vicentinho – não estão gostando nada do que começa a se configurar no cenário da questão salarial. O presidente da Ford, Ivan Fonseca, por exemplo, é um dos que dizem que a indexação seria um tormento para a indústria automobilística. E que espera que o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Luiz Marinho, consiga manter a sua posição de hábil negociador com os números nas mãos na busca pela manutenção dos empregos dos trabalhadores. “Indexar os salários seria uma péssima idéia. Temos que trabalhar para não permitir que a mentalidade inflacionária se instale novamente”, afirma Fonseca.

É Vicentinho quem dá a boa notícia para os empresários. “Somos os primeiros a não querer a volta da inflação. O trabalhador sabe que uma moeda forte é melhor para todos, mas não podemos ficar de braços cruzados assistindo à corrosão dos nossos salários.” A CUT luta para que o salário avance dos atuais R\$ 130,00 para R\$ 188,00 no próximo primeiro de maio. Dificilmente o presidente Fernando Henrique Cardoso aceitará o patamar proposto pela CUT, mas não podemos deixar de lembrar que uma das suas metas na reeleição era a de dobrar o salário mínimo.